

ANO 2 — N.º 73 — SÃO PAULO, 28 DE AGOSTO DE 1983 SUPLEMENTO DA "FOLHA DE S. PAULO" NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Mulher

*O gay
feminino*



© Capa: John Pappano, "As Lyndis Frickland" (1983)

Cartas

O debate sobre o sexo

Foi uma pena, devido ao compromisso que tinha às segundas-feiras, não ter podido aceitar o convite da "Folha" para coordenar o debate sobre Sexo e Comunicação.

Após ler o resumo do debate no Suplemento Mulher e observar que o trabalho que desenvolvi foi objeto da discussão, gostaria de prostar alguns esclarecimentos: Sobre o livro "Conversando sobre Sexo" vejo como uma necessidade após alguns meses na televisão recebendo centenas de cartas pedindo informação e orientação, inclusive indicação de livros, e não ter muito o que indicar. Existem os livros pornográficos, que não ensinam nada, ao contrário, deseducam criando uma imagem totalmente falsa da sexualidade, desconectando o sexo do amor e afeto ao colocando a mulher sempre como um objeto submisso. Existem os pseudocientíficos como "Tudo que você quer saber sobre sexo", tipo receituário e os livros acadêmicos como de Masters e Johnson e Helen Kaplan, porém pesados e de difícil leitura para o leigo. Faltava um livro que fosse de fácil compreensão, direto e com informações sem fornecer receitas, que propusesse reflexão sobre o papel da mulher, visto o sexo num contexto político e social e que falasse de questões levantadas por brasileiras (os).

Refleti bastante em como fazer o livro da maneira mais didática possível, e que fosse um texto falado de problemas reais a que, ao mesmo tempo, transmitisse o nível de desinformação da nossa população e a necessidade de maior assistência a ela nesse campo. Não queria fazer um livro só para adolescentes, nem só para mulheres, nem só para donas-de-casa. O projeto foi realmente ambicioso, pois visava falar para todos esses setores da população e, mais, que servisse como instrumento para discussões de sexualidade em Comunidades de Base e nas Faculdades de Medicina e Psicologia.

Estou satisfeita, pois o público compreendeu o projeto e o livro entrou na 6.ª edição, de 5 mil exemplares cada uma, 4 meses após o seu lançamento.

Até hoje todas as críticas especializadas ou leigas foram extremamente positivas. Dezenas de pessoas têm-se comunicado comigo, após a leitura do livro, dizendo o quanto a sua leitura foi útil nas suas vidas.

Decidi pela utilização das cartas, mudando, obviamente, o nome da resistente, e tendo o cuidado de escolher cartas onde não desse para

se identificar a pessoa ou omitindo certos detalhes que, porventura, de longe — poderiam tornar possível uma identificação, pois esses depoimentos tornaram o livro muito mais didático. Tanto em termos da transmissão do problema, nível de angústia e desinformação como documento social brasileiro. Sempre tive o maior respeito pelas cartas que recebo. Frequentemente, disse no ar que estava escrevendo um livro e que iria utilizar muitas delas. Nunca recebi nenhuma comunicação para que não utilizasse mais ou aquela. Recentemente, disse na televisão que gostaria de receber cartas de ideias sobre uma vida conjugal feliz para uma peça que estou elaborando. Recebi dezenas de cartas.

Vamos agora à peça de teatro. Alguns meses atrás o teatrólogo Mário Prata me ligou pedindo para fazer uma peça baseada no meu livro. Achei difícil.

Ele contestou dizendo que qualquer carta do livro daria uma peça. Falei: "Vamos conversar e se eu concordar será para fazermos juntos." Conversando, chegamos à conclusão que não as cartas em particular, mas o imenso acervo que tenho de desinformação do brasileiro, dos medos, do preconceito, e dos tabus dariam uma peça. Conversa vai, conversa vem, percebemos que a melhor forma de mostrar como a ignorância gera sofrimento e caraminholações que levam à angústia e culpa seria através do riso. Por que o riso? Kir dos próprios preconceitos é uma das formas para superá-los.

A peça ainda está sendo escrita, cada cena é baseada em centenas de depoimentos que falam sobre o mesmo tema, não utilizando a carta do sr. João ou da dona Maria, em particular, mas no livro. No livro a carta é respondida por uma psicóloga com a finalidade de informar, ou de orientar ou de propiciar reflexão.

Na peça, os temas são levantados para as pessoas rirem das bobagens que nossa sociedade abriga em nome da "virtude" e espere, através do riso, propiciar um pouco de reflexão e, eventualmente, mais um tijolinho para a mudança.

Acredito que todo trabalho feito com dignidade e competência deve ser remunerado. Assim, não há razão para qualquer pessoa se envolver de ganhar dinheiro porque o seu trabalho na televisão está tendo muita receptividade, ou porque o seu livro está sendo muito apreciado e vendido há porque a sua peça de teatro, eventualmente, venha a fazer muito sucesso.

Marta Suplicy □

Mulher

Sem qualquer preconceito, Mulher ouviu as opiniões de quatro mulheres, representativas de quatro correntes distintas do lesbianismo. E as transcreve. Simplesmente. Marta Suplicy, em um artigo complementar, tenta analisar as razões que levam ao homossexualismo feminino. E o finzinho do inverno é a melhor época do ano para você pensar no verde de sua casa: esse é o período ideal para preparar a terra, escolher as mudas e garantir as flores quando a primavera chegar. E, como o calor está ameaçando instalar-se, damos algumas receitas de sorvete para fazer em casa. Filho adotivo, apesar de não ter nenhuma culpa disso, tem muito poucos direitos perante a lei. Floriza Verucci explica. Temos ainda entrevistas com mulheres que estão fazendo sucesso: uma nos palcos e a outra atrás dos microfones, desbravando o Interior. Confira.

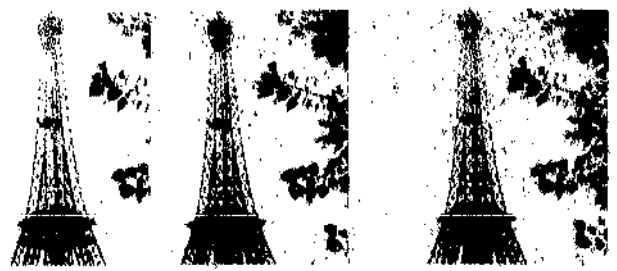
Mulher

Suplemento da "Folha de São Paulo"



Editora: Sheila Lobato
Secretária de Redação: Fernando Paiva
Repórter: José Ruy Gandra
Arte: Luis Roberto Sobon S. e Silva
Diagrama: Deborah Mangoni

Café Paris



A trupe de tele-reportéres brasileiros avança com sua parafarmácia televisiva e mete o microfone na cara do ministro: Delfim Neto entrou no Ministério da Economia da França, rue de Rivoli, para cumprimentar Jacques Delors. O cerco da maquiagem infernal não é menos extravagante do que as perguntas metralhadas pelos repórteres. Inquiridores ávidos à cata de um furo de reportagem.

— O sr. não disse ao chegar ser prematuro conversar com o presidente do Clube de Paris? Ou que faz aqui?, perguntam os moços, incisivos.

— Eu disse prematuro, responde o ministro.

— Mas se era prematuro por que está aqui? Insistem os repórteres.

— Agora não é mais prematuro, responde Delfim.

— Por que o sr. disse que era prematuro, volta o tele-reporter.

— Porque não era oportuno, debate Delfim.

— Então quer dizer — exclamam os moços, caras iluminadas — que agora é oportuno?

— Sim, agora é oportuno, suspira o ministro já enaltecido e aproveitando a oportunidade, despede-se rápido e prematuramente. O furo de reportagem foi um furo n'água. A reportagem da TV foi reduzida a um flash de 30 segundos na cara do entrevistado.

A filha de Aristóteles Onassis, ex-marido de Jacqueline Kennedy, a simpática Cristina, está num problema. O governo grego, socialista, quer confiscar sua linda ilha de Scyros. A jovem está engorçando assustadoramente: fez diversos tratamentos — com os milhões de que dispõe, mas nenhum vingou. Passou pelo Café Paris como uma turista qualquer, vestindo sua disfarçada blusa agarrada de jersey, sapatos sacacurados de salto baixo. Despedente, sem pintura, olheiras e um vinco amargo e envelhecedor no rosto, Cristina sofre de angústia. Sabe sua necessidade de afeto e afirmação ingerindo quantidades descomunais de comida, apesar do regime. De todo jeito, como ela fez logo no feijãozinho misto no almoço, o alimento parece se avolumar perigosamente inchando-a até a deformidade. Já pensou. Suas ancas exageradas, pernas e coxas avantajadas, estão em desproporção com seu tronco miúdo. Cristina está triste. Sérgio Kozlov, terceiro marido, diplomata soviético, correu em sua ajuda, tal seu estado físico e emocional. Dêem-me que o amor poderá salvá-la. Por que não? O amor — se correspondido — é a melhor e mais linda dívida da vida.

Comemorando seus 51 anos, o ator francês Charles Vanel ("O Salário do Medo", "A Verdade", "Os Três Irmãos", etc) disse com candura que a França só produziu filmes "Classe B", porque os escritores perderam a criatividade literária e não sabem mais fazer roteiros. "Os filmes começam a terminar subitamente, ninguém sabe por quê." Ele aceita fazer um novo filme, com qualquer roteiro e diretor, desde que veja qualidade literária na obra. Ele está enrugado, miúdo e alquestrado, mas seus olhos brilham. Lido. A alguém que lhe observou: "Então, um ano a mais", ele retrucou: "Os 51 anos são meus para viver."

A idade torna ridículas as pessoas hiperativas. Sem defleitos sustentam com os anos, até despertarem piedade e riso. Envelhecer com serenidade parece não está ao alcance de to-

dos. Os homens, e principalmente alguns galãs brasileiros, não suportam seus anos autômatas, acudilhando, por ignorância, que perdem a virilidade, deixando de ser machos. Trocam "uma de 40 por duas de 20", como dizem, manifestando garbosamente sua grosseria. As duas de vinte invariavelmente — salvo exceção, que não conheço — querem desse homem tudo menos lealdade, amor e ternura, que eles desobedientemente deixaram para trás com suas mulheres de 40. Mas as mulheres não ficam atrás. Trocam muitas vezes seus interesses sexuais por outros, mais simples, se bem que igualmente ridículos. Gina Lollobrigida estrogou a cara do tanto pizar a pele em plásticos. Quase não come, vive de pilulas e se priva dos poucos prazeres da vida. No último baile (Armas) de Cruz Vermelha, em Mônaco, apareceu com um vestido bufante, rodadinho, esvoaçante e juvenil, faixa na cintura e flores na cabeça, no mais brilhante ciclamun. Alguns, por piedade, elogiaram sua indumentária "romântica". Outros preferiram as gargalhadas.

"Caia 3", livro de Rudá de Andrade, publicado há pouco pela editora brasileira, não é um simples documento de memórias cujas passagens se esquecem facilmente. A carga emotiva do autor perpassa suas histórias vividas no concreto, dentro de uma cela, e nos corredores de uma prisão francesa, igual às outras. As observações agudas, a descrição quente e colorida dos acontecimentos que levam o autor, da chegada do aeroporto até a amarga estada de dez meses na cadeia de Bourg-en-Bresse, França, revelam, fora de seus tristes registros, a aparição de um escritor. Só quem tem competência escreve um parágrafo de três laudas apontando as virgulas e pontos e virgulas com tanta dignidade e coragem. Rudá de Andrade deve-nos mais um livro.

Fernando Pacheco Jordão, conhecido jornalista e excelente profissional de TV, no Brasil e na Inglaterra, onde também trabalhou, foi o único assunto dos brasileiros aqui na última semana. Nem a dívida externa assumiu tanta importância quanto o veto que sofreu da TV Cultura. O telefone não parou. Versões confusas e explicações incompletas tornavam o veto cada vez mais incompreensível, até que algumas informações desferiram o mistério: outro golpe no Brasil, censura, Dole e Codi e Cia. A vista. Jaz af a informação, não desmentida até agora.

Na sua recambuleta estada em Paris, o ministro Delfim Neto brincou de esconde-esconde com os jornalistas brasileiros, sumiu no fim de semana reaparecendo belo e lampião no topo. Uma glória. Em Londres, onde se refugiou, passou um dia virando prateleira de livrarias (o que fez também em Paris, quarta-feira). Não viu a rainha, nem se encontrou com a "Virgem de Ferro", a conservadora Maggie Thatcher, que impõe respeito pela dureza e pela determinação, e posso garantir que não teve contato com nenhum jornalista brasileiro. Sobre um alagado incidente no qual teria chamado o deputado federal Eduardo Marinho Suplicy de "tragicômico", o ministro me garantiu pessoalmente que há mais de dez anos de uma pessoa dedicada, educada e gentil como é Eduardo, não quereria.

Luiz Roberto Sobon S. e Silva

Ladies, sapatilhas, sapatões — o que significa tudo isso?

Nós ouvimos o depoimento de quatro mulheres que optaram pela relação homossexual. Aqui elas falam de seus sentimentos, suas relações sociais. E fomos também aos "guetos" gays ver como funcionam.

Ferros Bar, 19 de agosto de 1983. Invasão, discursos, polémicas — e aconteceu a primeira manifestação de lésbicas em São Paulo. Motivo: o mais antigo reduto das homossexuais femininas expulsara, há um mês, duas mulheres que distribuíam o "Chanaomchana" — jornal do Grupo Ação Lésbica Feminina (mais conhecido por LF). Então, elas se organizaram e marcaram posição frente à intransigência do proprietário do bar, que consideram arbitrária.

E não é só: três meses antes, as homossexuais comemoraram quatro anos de atuação do LF, surgido como uma facção do Somos (Grupo de Afirmação Homossexual), em 79, que ganhou autonomia uns anos depois.

"Lésbicas", "ladies", "sapatões", "sapatilhas", "entendidas" — palavras de um vocabulário muito usado por homo e heterossexuais, mas pouco compreendido em sua extensão. Como entender a relação existente entre essas mulheres? O que leva uma mulher a se relacionar intimamente com outra? Há uma busca maior nessa relação? E qual, então? Mais: existem ou não papéis a ser desempenhados por elas?

Quatro mulheres, homo e bissexuais, propuseram-se a responder a essas e outras indagações. Elas se autodenominaram Regina, Paula, Márcia e Roberto. São de diferentes matizes do lesbianismo. Todas admitiram que seus familiares desconhecem suas opções sexuais. Afirmando que preferem evitar intromissões da família neste aspecto de suas vidas.

Regina, 20 anos, jornalista. "Se quiserem me encaixar em alguma classificação vão me enquadrar como bissexual. Na verdade, apaixono-me pelas pessoas, independente de sexo. Tive mais relações heterossexuais que lésbianas. No momento, estou vivendo uma fase mais feminina. Creio que o relacionamento entre mulheres é o encontro de pessoas mais sensíveis.

"No homossexualismo feminino há mais abertura do que no relacionamento tradicional, onde as pessoas tendem a se comportar conforme os padrões que têm na cabeça. E como no lesbianismo não existem padrões estabelecidos, as mulheres envolvidas têm de inventar novas maneiras de se amarem, o que torna a relação revolucionária. Esse caráter revolucionário me atrai.

"Minha primeira relação homossexual foi em 81, na faculdade. Foi ótima, embora nas primeiras semanas eu tenha tido problemas para aceitar o fato de ficar apaixonada por uma mulher. Questionei-me se havia acontecido algo natural, mas como tudo ocorreu espontaneamente achei que não deveria me preocupar mais com o assunto, e aceitei o fato.

"Quanto aos preconceitos, eu enfrento alguns. Por exemplo, não posso beijar minha namorada na boca, no meio da rua. Até posso... mas não quero escandalizar os outros. E isto é angustiante, não só a nível particular, mas em relação ao País, pois tem muita coisa que a gente gostaria de fazer e não pode. Já no meu ambiente de tra-



Andrino francês. "A Bela Gabriela e a Morechala de Bologny", 1596

balho, ou seja, o meio jornalístico, não encontro muito preconceito, embora sinta que haja alguns homens muito machistas.

"Com amigos não encontro problemas, porque ajo naturalmente, o que até propicia às outras pessoas me encararem desta maneira. Há homens que acham horrível, desprezível ser homossexual. Existem outros que não se incomodam, enquanto há uns que fazem questão de que eu vire heterossexual e sentem-se até meio atraídos por mim, porque têm a imagem de que uma lésbica é melhor de cama.

"As relações de poder em um relacionamento homossexual existem em vários níveis, como nos heteros. Pode ser, por exemplo, a nível econômico: de quem ganha e de quem fica em casa. Há 'modelitos'. Tem a sapatão, que se veste de homem e manda. E a lady (sapatilha), que se veste de mocinha e transa com a sapatão. E exatamente a reconstrução do heterossexualismo em pessoas homossexuais. Por isso acho importante não ser homo ou heterossexual, mas sim tentar resolver o lado afetivo e emocional da melhor maneira possível."

Paula, 31 anos, digitadora. "Antes de me relacionar com a primeira mulher, namo-

rei três rapazes, com os quais troquei carinhos íntimos. Por um deles, sentia uma grande paixão, mas nunca chegamos ao coito. Porque na hora "H" eu não queria. Perguntava-me por que tudo havia sido tão rápido. No fundo queria ter um maior envolvimento. Achava que o sexo tinha de vir de algo mais natural e aquilo me decepcionou.

"Esta dúvida tinha relação com minha adolescência. Quando você é adolescente, é romântica. Lê aquela literatura medíocre, indicada para 'mocinhas', fo-

tonovelas. Todo esse subproduto da cultura. Esse lixo. Você fica sonhando e imaginando que as coisas vão acontecer como nos livros.

"Fazia dois anos que não me envolvia com alguém, quando conheci Kátia. Havia uma afinidade muito grande entre a gente, conversávamos muito. Ai começaram os olhares e fiquei disponível. Foi uma coisa muito natural, namoramos por muito tempo. Não havia entre nós modelos de comportamento, porque não sabíamos como se processava a relação homossexual.

DEPILAÇÃO?
 Não sofra mais. Vá se conhecer o mais eficiente método / poder de revitalização do tecido, hidratando e nutrendo simultaneamente, eliminando também flacidez já existente.
 Márcia Borg
 Tel.: 577.4657 e/ Márcia

Tender Leaf tem ibope garantido na casa da Janete.
 "Escrever novela dá tanto trabalho, que às vezes eu entro pela madrugada batendo à máquina. É uma das coisas que me ajuda a aguentar esse ritmo é o Chá Tender Leaf. Aliás, o Tender Leaf é o único personagem que está presente em todas as novelas que eu escrevo."
 Janete Clair, autora de novelas.
Chá Tender Leaf
 Natural, ESTIMULANTE, Econômico.

"Estou decepcionada com o lesbianismo, o jogo de posse, conquista e paixões que se mesclam nos guetos. Eu estava namorando uma menina e não podia olhar para o lado, porque poderia despertar seus ciúmes!"

▷ "Esse conhecimento só obtive quando comecei a frequentar os guetos (bares e boates preferidos por lésbicas). Observei comportamentos e normas que regem certos relacionamentos, como por exemplo aquele mais simples e reducionista que copia o relacionamento heterossexual no seu caráter mais compulsivo e primitivo. Retiro-me do envolvimento entre uma garota masculinizada e outra bem feminina.

"Essas mulheres que se tornam masculinizadas vivem a inversão do poder. Assumem ser caricatura do que pensam ser o poderoso, no caso, o homem. Reteram esse papel porque o reproduzem a nível de comportamento, gestualística, atitudes, vestimentas. Não tenho um envolvimento deste tipo, porque nunca rejeitei o fato de ser mulher por ser homossexual.

"Aliás, depois que me tornei lésbica continuei a cultivar o mesmo estilo de pensamento. A nível racional, aprimorei meu entendimento sobre as relações pessoais. Minha lucidez fez com que me aprofundasse num conhecimento de mim mesma e nas relações sociais. Isso ajudou-me a chegar aos limites do pensamento.

"Com o tempo, meus sentimentos foram depurando-se, tornaram-se mais afiados, transformei-me em um ser mais receptivo, que muda as angulações porque não parte de uma idéia formada. E a mudança que ocorreu em mim refletiu-se também nas minhas experiências heterossexuais.

"A relação sexual com homem só se dá para mim se houver sensibilidade e afinidade. Quero mais um amigo do que um objeto sexual. E quando conto para eles que sou homossexual, nem sempre entendem. Você fala e ele broxa. Então, se coloca fragilmente perante você porque sente que algo está acontecendo.

"Mas acho que a maior parcela dos homens está desequipada, pela educação que recebe. É um problema cultural. Os homens aprendem desde pequenos a desempenhar um papel: têm de ser protetores, paternalistas. Não acredito serem eles os únicos culpados por essa condição. Há mulheres atrás deles — mães, tias, irmãs, professoras. E, às vezes, apesar de estar sempre me questionando sobre isso, me pego cobrando tais papéis.

"Mas ando decepcionada também com o lesbianismo. O desapontamento surgiu quando comecei a frequentar os guetos e descobri que não suportava o jogo de posse, conquista e paixões que se mesclam nesses redutos homossexuais. Por exemplo, eu estava namorando uma menina e não podia olhar para o lado, porque poderia despertar seus ciúmes. Essa atitude tolhe a minha liberdade, porque prezo a individualidade. Quando a gente se propõe a abrir o universo e não reiterar as relações de poder sobre outra pessoa, isto torna-se intolerável.

"Às vezes, ia ao gueto e de repente entrava uma lésbica e olhava-me com ar de "já ganhei". Sou tímida, reflexiva e introspectiva. Não gostava dessa iniciativa. As pessoas estranhavam que eu não saia cando meninas. Também detesto as demonstrações de paixões nos guetos, onde as homossexuais liberam-se mais porque estão em um ambiente que lhes é familiar. As pessoas fazem uma dramatização a nível físico e emocional, colocando-se em uma situação desesperadora.

"Hoje estou em retiro espiritual. Não aceito uma atitude consumista. E o costume chegou às raízes das relações amorosas. As pessoas fazem coleção de parceiros (as). E não chamo isso de liberação, mas de sexo compulsivo. Você ouve falar em liberação mas descobre todo um esquema montado para vender sexo. Por isso,



Detalhe de "A Primavera" de Botticelli, 1475

estou de retiro, para checar minha sexualidade, condições de carência, solidão e busca da companheira (o)."

Márcia, 26 anos, pesquisadora. "Conheci Cássia em 80. Na época, eu era amante de outra mulher. Mas houve uma vibração tão forte entre nós que acabamos indo para a Europa juntas. Na Grécia, conheci outra garota e resolvemos morar em uma comunidade rural de lésbicas na Inglaterra.

"Já com outra menina vivi nessa comunidade por seis meses. Essa colônia foi criada por quatro mulheres que queriam ter a experiência da convivência feminina sem a interferência de homens. O número de moradoras variou entre 15 a 30 mulheres, no período em que lá estive. Eram muito radicais, até com os animais: se nascia um cachorro elas doavam para vizinhos e conservavam as cadelas.

"A comunidade era totalmente liberal, não havia fanchonas (mulheres que se vestem e comportam-se como homens), mas as condições de vida eram rudimentares. As mulheres rachavam lenha, pegavam as vacas pelos chifres para puxá-las, eram pessoas fortes fisicamente. Todas desempenhavam uma tarefa, embora não houvesse determinação de qual trabalho devesse ser executado por tal pessoa. Eu ordenhava vacas, levantava às 4 horas no verão e às 9 horas no inverno, quando o sol nascia.

"Gostava de acordar cedo, dava-me ritmo. Minha namorada e eu nos revezávamos no preparo do café da manhã. Depois, fazíamos uma "vaquinha" para comprar comida. À tarde, lia, estudava tarô e horóscopo. Antes do anoitecer, tinha de arranjar lenha, que significava roubar lenha no terreno do vizinho. Vivíamos em abrigos precários, mas que possuíam lareiras.

se nessa sociedade é calçada no poder, então quero ser transgressora, porque o problema é da sociedade, não meu.

"Há diferenças nos comportamentos do homossexualismo feminino e masculino. As mulheres são mais estáveis, porque não dissociam o sexo do amor. Os homens são mais inconstantes, têm essa transação de troca, prostituição, esse negócio de compra e venda. O homem tem uma visão objetiva e a mulher mais subjetiva. Não conheço mulheres que trocam de parceiros com frequência. É uma relação mais estável, coisa de mulher."

Roberto, 40 anos, enfermeira. "Virei sapatão com 37 anos. Aos 17, conheci uma garota chamada Neusa. Era sapatão. Vivemos juntas durante 13 anos. Eu era feminina e ela masculina. Nos amávamos. Então, Neusa começou a me bater, me ameaçar de morte. Resolvi partir para outra menina. Na época, eu ainda era feminina. Virei sapatão porque cansei de apanhar. Então, como era surrada, pensei "não é nada disso". Como sou carinhosa e bondosa, resolvi virar ativa. E comecei a me sentir melhor.

"Mas não me viсто muito 'fechado' por causa da família, do meu trabalho. Mas do contrário sinto-me bem. Ter relações com mulheres é uma coisa fabulosa, diferente. Parece que a gente se apega mais com uma mulher do que com homem. Mulher é mais carinhosa, amorosa. A gente não precisa pedir nada.

"Antes de ser lésbica, namorei um rapaz. Era noivo. Ele me deixou e ficou noivo de outra. Fiquei três anos sozinha (sic), até que conheci Neusa. Mas mesmo que tivesse conhecido outro rapaz não teria me apaixonado, porque me sinto atraída por mulheres. Desde pequena sempre brinquei com moleques, gostava de andar de bicicleta, só andava de shorts, calça apertadinha, tênis. E a turma falava, mas eu não dava bola. Minha mãe também não. Sempre tive tendência mais para macho que para fêmea.

"Neusa me atraiu porque se vestia como homem, mas o seu modo de falar e pegar era diferente, especial. Ela era mais carinhosa. Hoje não sei nem mais namorar um homem, porque nada me atrai em um homem. Eles são brutos na parte sexual. Tenho até medo de cruzar com um que queira namorar comigo, porque não sei como namorar. Mas com mulher é diferente, mexo com mulher na rua, no supermercado, no ônibus. Digo "fofinha, bonitinha", e se ela faz uma graça eu chamo para conversar, marco um encontro, pago uma cerveja. Então sento, faço um versinho e convido-a para ir à boate.

"Quando namoro uma menina, trago-a à boate, deixo-a à vontade, pode dançar sozinha, desde que não me trala. Não gosto que dance com outra sapatão, porque é outro macho. Não tralo minhas namoradas, apesar de ter muitas amigas femininas.

"Só namoro meninas femininas, embora na boate a gente veja "parafusos com parafusos". Mas não gosto. E mais bonito transar uma mulher feminina. Também não namoro meninas que têm relações bissexuais, porque podem trazer sujeira do homem (sêmen) para mim.

"Nunca me censurei por me relacionar com mulher. Desde a primeira vez achei normal sentir-me atraída por uma mulher. Mas não admito relação entre dois homens, porque eles não fazem uso do sêmen de forma natural. Porque entre mulheres a gente se relaciona sem prejudicar os órgãos sexuais. Não me conformo quando vejo dois homens se beijando.

"Ao me relacionar sexualmente com outra mulher não uso artifícios (pens dep-

"Uma das coisas mais importantes que aprendi na minha convivência nesta comunidade é que não quero casar, morar com outra garota. O cotidiano acaba com qualquer romantismo. Quero ser apenas amante, poligâmica.

"Tenho relações com mulheres desde os 21 anos. Antes namorava homens, mas não tinha prazer. Ai comecei a me apaixonar por mulheres, aliás heterossexuais convictas. Não houve reciprocidade. Depois, resolvi tomar uma atitude: durante três dias passei em frente ao Cachaçõ, o bar das lésbicas, na época. Um dia entrei, conheci alguém, conversamos, bebemos, trocamos telefones. Era uma aquariana. Namoramos, mas nada aconteceu. Apaixonei-me por outra menina, que era do Movimento (Lésbico-Feminista). Sofri, mas insisti. Achei outra garota, transamos um ano. Então conheci Cássia, com quem mantive a relação mais intensa até hoje.

"Quando comecei a namorar mulheres estava querendo um relacionamento absoluto, democrático, o que não ocorre no heterossexualismo, onde tudo é sempre definido. No heterossexualismo a relação de poder já vem pronta. Não a nível físico, mas em termos sociais. E desde pequeno o homem está acostumado a ter poder. O homem-feminista ainda não nasceu.

"Acho até impossível que uma mulher tenha prazer na relação heterossexual, porque são níveis de sensibilidade, erotismo e ritmos diferentes. No homossexualismo há mais respeito, porque os papéis de caça e caçador são permutáveis. As diferenças se diluem, o que existe é a procura da não-caça.

"Quero chegar ao nível igualitário de relações. Ser uma pessoa que se despeja do poder e transa as outras sem poder. Mas

Diplástico, vibrador), não apenas o corpo: as mãos, a boca, a língua. As partes que me atraem no corpo de uma mulher são os seios, os quadris e as coxas. Beijar e abraçar essas partes me dá uma sensação boa. Não existe segredo na relação sexual entre mulheres. Uma das duas começa, aí a transação vira; tanto você mexe com a parceira, como vice-versa. Eu não peço nada, se a mulher quiser mexer comigo, tudo bem. Senão, não há problema, porque tenho prazer do mesmo jeito.

"Morei com uma família que não sabe que sou lésbica, mas não me contava. Por isso, quando quero ter intimidade com minha namorada vou a um hotel. A maioria dos hotéis que frequento aceita a permanência de duas mulheres. É lógico que elas sabem que vamos ter relações, porque vêm eu bem trancada e ela bem feminina; então, não têm dúvidas."

Uma noite no Moustache

Na cosmopolita São Paulo, as lésbicas criaram seus pontos de encontro — os quetos — nas imediações da rua Augusta. Os nomes — Huntera, Canapé e Poesia, Ferro's Bar, Moustache, Sanduba, Bugnoso — variam. A frequência também. Mas os objetivos são sempre os mesmos: dançar, conhecer novas parcerias, rever velhas amizades ou simplesmente bater um papo.

Um sonoro nome francês e um belo bigodão desenhado perto da porta da entrada. É assim que o Moustache, a mais antiga boate gay feminina, recebe suas frequentadoras. Na entrada, o clima é de discoteca. Lá dentro, o território é livre. Rodeadas por uma decoração sim-



Artista, "Vestimento de Vênus", 1490

"Vivi numa comunidade rural de lésbicas na Inglaterra. Elas eram tão radicais que se nascia um cachorro doavam para os vizinhos."

ples composta de espelhos e paredes pintadas de preto, as mulheres podem, enfim, ficar à vontade.

Com exceção do discotecário e do barman, todos os funcionários são mulheres.

As garçotas vestem uniformes com cortes masculinos (a tradicional gravatinha preta borboleta, calça cinza e camisa branca), usam cabelos curtos, sem adereços. Apesar dos insistentes traços masculinos, uma delas só denuncia seu

sexo através dos fortes seios que, embora propositalmente achatados, salientam-se sob a camisa.

Há mulheres de todas as idades e tipos; desde moças femininas que se encolhem nos ombros de suas respectivas parceiras, até mulheres masculinizadas. A maioria dança soita, na pista central, mesclando-se com alguns homossexuais muito animados.

No começo da noite, poucas arriscam alguns passos. Mas na madrugada, todas saem dançando, principalmente quando o discotecário coloca um rock ou uma música new wave. Os pares casais heterossexuais apenas observam. Quase nem são notados pelas garotas, que estão mais preocupadas com a paquera.

No bar, a movimentação é grande. Elas chegam aos pares, às vezes de mãos dadas. Pedem um drink, sentam-se para conversar no hall. O banheiro feminino é o mais movimentado, lógico. Aliás, é difícil saber porque há um masculino. Lá, elas retocam a maquiagem, conversam, contam casos. Afinal, é o único lugar onde o barulho estridente da música não atrapalha a conversa.

Nas mesas em torno da pista, muitas mulheres observam as garotas que dançam. Estão à procura de uma namorada. Outras, mais afortunadas, trocam beijos e abraços, indiferentes à movimentação na pista. Apenas interrompem os carinhos para dançar uma música lenta. Juntas, abraçadas. Afinal, são poucos os momentos em que podem comportar-se da maneira que desejam: demonstrar, à sua maneira, o carinho pela pessoa que amam. □

Nelva Otero e Noraimi Ferreira de Abreu

Marta Suplicy

Lesbianismo, um processo que ainda mal se conhece.

Sabe-se pouco sobre homossexualidade masculina e menos ainda sobre lesbianismo. Freud, durante um tempo, acreditou que a situação edípica na mente se processava de forma semelhante à do menino. Mas isto se provou falso. Nos meninos a situação edípica é mais compreensível pelo fato de eles reterem o mesmo objeto sexual, a mãe, não apenas enquanto são amamentados, mas também nas fases posteriores de seu desenvolvimento, permanecendo o pai sempre como um rival importante.

Já com as meninas, o objeto de amor também é a mãe, e devemos saber por que ela abandona a mãe, tomando o pai como objeto de amor. Para as meninas, a descoberta do pênis na fase fálica e sua inveja imediata fazem-nas sentir-se inferiores e incompletas. No desejo por um pênis estaria a origem do que Freud denominou de "Complexo de Masculinidade?". A esperança de obter um pênis algum dia, ou a atitude oposta de recusa em se ver castrada, pode persistir longamente, prejudicando seu desenvolvimento em direção à feminilidade.

A escolha do objeto sexual, segundo Freud, dar-se-ia em duas fases: primeira na infância e a segunda na puberdade. Os resultados da primeira escolha retornariam na puberdade (logo o período de infância) de maneira atenuada e se apresentando como uma atitude atávica.

Observem-se na puberdade tendências bissexuais. A escolha do objeto homossexual não expressa sempre homossexualidade. O emaranhamento típico deste período por uma colega pode, apesar de seu caráter homossexual, ter um conteúdo completamente fe-

minino. O amor pode também ser pronunciadamente masculino e as tendências bissexuais podem obter reforços masculinos no medo da heterossexualidade, identificação com irmão, pai, etc.

Mudanças fundamentais ocorrem durante a puberdade, período de amadurecimento sexual. Uma menina na pré-puberdade pode expressar seu descontentamento e protesto contra a feminilidade adotando um comportamento bem de menino; para ser, depois, muito feminina na puberdade. Ao mesmo tempo, uma menina muito feminina pode, sob certas circunstâncias, apesar de emoções violentas despertadas pela puberdade através da escolha de um objeto de amor feminino (homossexual). A condição bissexual (ou homossexual) pode se estender além da puberdade e a preferência por indivíduos do mesmo sexo pode permanecer predominantemente ou excluir totalmente o outro sexo. A homossexualidade seria uma continuação e elaboração das experiências da puberdade.

O interesse da menina por outra menina, nessa fase, é geralmente o de arrastar um espelho de seu próprio ego. Sua personalidade se fortalece, permitindo-se sentir mais distante e protegida dos laços com sua própria família, principalmente a mãe. Essa associação é importante para todas as meninas, pois não somente protege contra uma regressão à mãe mas, também, porque os componentes homossexuais se desenvolvem e são elaborados melhor do que quando reprimidos ou ausentes. Isto ocorre, em parte, pela gratificação, parte pela sublimação e parte pela atuação dos sentimentos em relação à mãe.

Essa é uma escolha tipicamente narcisista, pois se escolhe alguém com quem se identifica e através do qual o amor próprio pode ser gratificado. Frequentemente, o ingrediente sexual deste tipo de relacionamento permanece inconsciente, aparecendo somente no carinho de características eróticas de uma para a outra.

Na vivência do triângulo familiar as meninas experimentam desejos sexuais inconscientes, oscilando entre os dois pólos da bissexualidade, e entre a atração e repulsão. Possibilidades de satisfação do desejo são um pólo de atração, ansiedade, frustração e mobilização de sentimentos de culpa são o pólo de repulsão.

Os processos psicóticos são muito complexos e a atração e repulsão não são distribuídas igualmente. Operam em várias direções, muitas vezes criando uma situação paradoxal sem objeto. São os sentimentos de despersonalização, insensibilidade e distanciamento, vividos na adolescência devido à não resolução do objeto sexual. Quanto maior o conflito, maior o número de elementos regressivos atuando e a escolha do objeto amoroso dependerá da relação atual com os pais.

A sensibilidade da adolescente para lidar com a frustração anterior, sua reação de reativa e compensação por amor, seja meios desses reações, os elementos eróticos no seu carinho por seu pai e os sentimentos de culpa por sua hostilidade para com eles determinam o efeito da atração e repulsão nos dois pólos da sexualidade. Os eventos mais importantes ocorrem dentro da família. O nascimento de uma criança na puberdade da menina pode causar efeitos traumáticos, assim como o distanciamento do pai da filha moçinha.

A dificuldade em sublimar essa relação pode afetar a menina, que por ressentimento se distancia por sua vez do pai. Às vezes, essa menina adota uma postura paranoica. Outras vezes, a sublimação é mais intensa e na base dos interesses que cultivava com o pai a menina assume uma postura de "eu não preciso mais de você, porque agora eu posso fazer o

que você faz". Frequentemente, esse tipo de identificação, o desapego em relação ao pai, resulta em tendências homossexuais intensificadas. □

Muitas das considerações acima citadas são da psicanalista Helen Deutsch, que também comenta um caso interessante de homossexualidade feminina, vivido por uma mulher solteira de 30 anos, que gostava de usar roupas masculinas, adotava profusão tipicamente masculina e admitia sua homossexualidade abertamente. Essa mulher, a não ser pela voz masculina, tinha uma estrutura feminina. Na sua juventude essa característica vocal a levava a pensar que deveria ter nascido homem e que, da forma como era, ninguém a amaria. Em criança, havia sido ridicularizada e se distanciou das coisas ditas "femininas". Renunciando à sua feminilidade e se autodepreciando, recebeu ser um homem: sua homossexualidade expressava uma necessidade emocional de amar e ao mesmo tempo evitar sua inferioridade com o pai.

Nesse caso, as características sexuais masculinas exerceram forte influência psicológica, porém nem se trata de uma primária dos sentimentos sexuais masculinos. Essa mulher protegia-se de sua inferioridade feminina enfatizando a outra tendência. Esse é um caso que não deve, em absoluto, ser tomado como "explicação" para o lesbianismo. Citei algumas outras considerações psicológicas que podem levar a um caminho homossexual, mas acredito que, apesar de a maioria dos casos de lesbianismo ser determinada psicologicamente (e o que não é?), muito pouco se sabe sobre sexualidade feminina e quase nada sobre homossexualidade feminina. É um campo à espera de esclarecimento. □

Marta Suplicy é psicóloga clínica formada pela FUC, com mestrado na Universidade Estadual de Michigan e pós-graduação na Universidade de Stanford. É membro do Núcleo de Teoria "Convergência Sobre Sexo" (distrito de São Paulo).